

Educação Física no Contexto Escolar para Alunos Surdos

LUIZ GUSTAVO SILVA DE ALMEIDA

FERNANDO GOMES DE SOUZA

RESUMO

Buscamos nesse trabalho apresentar dados da pesquisa realizada em uma escola pública da cidade de Araguaína-To, com intuito de investigar se os professores de educação física que atuam nessa escola contemplam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em suas aulas enquanto primeira língua dos sujeitos surdos, bem como analisar a compreensão dos alunos surdos acerca do processo inclusivo ao qual estão inseridos. Buscamos compreender as questões culturais e identitárias inerentes ao processo de inclusão dos alunos surdos e como se dá a interação professor/ aluno durante as aulas. Adotamos como diretrizes metodológicas o estudo de caso e a abordagem qualitativa, em pesquisa de campo realizada por meio de entrevista através de questionários. À luz de teorias que norteiam as políticas linguísticas de apropriação de uma segunda língua, os direitos linguísticos de minorias, buscamos fundamentar o nosso trabalho. Os resultados apontam para uma necessidade dos professores aprofundarem seus conhecimentos em Libras, e os participantes da pesquisa (alunos e professores) foram unânimes nesse raciocínio. E em seus relatos, os professores alegaram a necessidade de auxílio de um tradutor/ intérprete de Libras durante as aulas.

Palavras-chave: Educação física, Libras, surdez, ensino.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil já existe a lei de Libras - Língua Brasileira de Sinais, nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que a reconhece como instrumento legal de comunicação e expressão dos surdos brasileiros (QUADROS 2003, p.92)

Assim como as línguas orais, Libras possui estrutura gramatical própria, preenchendo, assim, todos os requisitos para a sua oficialização como língua. (BRITO 1995).

Considerando a relação de primeira língua, ou língua materna que os surdos têm com a Libras, e a língua portuguesa como segunda língua, nos propomos a realizar esse trabalho que visa investigar a relação professor/aluno durante as aulas de educação física, levando em conta que os docentes que ministram tal disciplina quase sempre são ouvintes, buscamos compreender como esse processo vem se consolidando em uma escola pública da cidade de Araguaína-To.

A realização desse trabalho se justifica pela demanda educacional por docentes conscientes de seu papel pedagógico e social diante da realidade de inclusão dos alunos com deficiência, aqui, especialmente dos alunos surdos. O professor deve buscar atender esses alunos de forma eficaz, contemplando a realidade linguística dos mesmos. Diante dessa realidade, cursos, capacitações e pesquisas na área devem acontecer no sentido de preparar tais profissionais.

Pensando nisso, buscamos com essa pesquisa contribuir para um posicionamento mais crítico da parte docente e da comunidade escolar como um todo, para a realidade educacional dos alunos surdos, também difundir a Língua Brasileira de Sinais, e o respeito à especificidade linguística dos mesmos, despertando a consciência acerca dos direitos de acessibilidade comunicativa desses sujeitos.

O trabalho está subdividido da seguinte maneira: Introdução, Fundamentação Teórica, onde abordamos os tópicos Língua Brasileira de Sinais, Surdos, Identidades Surdas, A educação Física e a Escola Inclusiva, Professor X Aluno, e Educação Física para Surdos. No terceiro capítulo apresentamos os Procedimentos Metodológicos do Trabalho, no quarto, apresentamos os Resultados da Pesquisa e as discussões, em seguida, as Referências Bibliográficas, os Anexos, e o Apêndice, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e a Carta de Autorização da pesquisa, e os questionários do professor e aluno.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Língua Brasileira de Sinais

Como referido anteriormente, a Libras foi reconhecida oficialmente no Brasil por meio da lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, alcançado seu status linguístico como a afirmação abaixo revela:

As línguas de sinais, dentre elas, a língua de sinais brasileira, são línguas de fato e representam uma forma completa de comunicação das histórias surdas. A língua de sinais brasileira apresenta uma estrutura gramatical rica, e é usada pelos surdos brasileiros para expressar idéias, pensamentos, sonhos, arte, histórias e reproduzem discursos, assim como qualquer outra língua. (QUADROS 2003, p. 92).

Assim, a Libras é a língua própria dos surdos que vivem no Brasil, ela é considerada a língua materna desses indivíduos. Eles a adquirem de forma natural.

Ela é uma língua configurada de maneira visual-gestual, tendo sua estrutura gramatical diferenciada da estrutura do português, que por sua vez

tem base oral-auditiva. E somente após a aquisição da Libras que os surdos desenvolvem a leitura e escrita de português.

O decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005¹ prevê o ensino de Libras, como disciplina curricular obrigatória em todas as licenciaturas de instituições de ensino superior, especialmente para facilitar a comunicação entre professores ouvintes e seus alunos surdos.

Surdos

Segundo (QUADROS 2004, p.4), surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais.

O surdo usa a percepção visual e vivencia a cultura surda junto à sua comunidade. A comunidade surda é um grupo em que surdos e ouvintes se encontram para bate-papo, ou “bate mãos”, e pessoas de diferentes locais reúnem-se para festas nas associações de surdos, por ser um lugar em que a língua circula de forma apropriada e a identidade surda se manifesta plenamente.

O termo identidade surda significa ter orgulho de ser surdo, e assumir ser surdo longe do paradigma da deficiência ou incapacidade.

¹ Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Informações extraídas do link:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm acessado em 12/05/2015.

Identities Surdas

Podemos citar as seguintes identidades surdas: de acordo com (Perlin, 2005):

Identidade Surda Política - trata-se de uma identidade fortemente marcada pela política surda. É mais presente em surdos que pertencem à comunidade surda.

Identidade Surda Híbrida - que são surdos que nasceram ouvintes e com tempo alguma doença ou acidente os deixaram surdos.

Identidade Surda Flutuante - os surdos que não tem contato com a comunidade surda, uma categoria que não contaram com os benefícios da cultura surda. **Identidade Surda Embaçada** - esta identidade surda embaçada e outro tipo que pode ser encontrada diante da representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural.

Identidade Surda de Transição - estão presentes na situação dos surdos que devido a sua condição social viveram em ambiente sem contato com identidades surdas ou que se afastaram da identidade surda.

Identidade Surda de Diáspora - a identidade de diáspora diverge da identidade de transição. Está presente entre os surdos que passam de um país a outro ou inclusive passam de um estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo surdo a outro.

Diante dos diferentes tipos de identidades apresentados pela autora, constatamos que as diferentes identidades surdas são complexas e diversificadas. Ex: surdos filhos de pais surdos; surdos que não têm nenhum contato com outros surdos, surdos que nasceram na cidade ou não, ou que tiveram contato com a língua de sinais desde a infância ou não. E vale a pena ressaltar que a identidade surda está em contínua mudança. Os surdos não possuem identidade homogênea, é preciso considerar os diferentes tipos. Em todo caso, impera sempre a identidade cultural, ou seja, a identidade surda como ponto de partida para as outras identidades surdas. Esta identidade se

caracteriza também como política, pois ela está no centro das produções culturais, e os surdos que lutam por seus direitos possuem esse tipo de identidade.

A Educação Física e a Escola Inclusiva

Para (SOLER 2009) a prática de Educação Física inclusiva é uma tarefa complexa, visto que a história da Educação Física escolar é uma história de exclusão e marginalização com os que têm menos habilidade, como o sexo feminino e as pessoas com deficiência, pois a mídia idealiza corpos sarados e perfeitos. Com isso, o trabalho do profissional de Educação Física deve unir interesses coletivos e incluir a pessoa com deficiência atendendo as características individuais de cada um.

Nesse contexto, a educação brasileira sofreu grande transformação com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB² (1996), onde o sistema educacional brasileiro reformulou conceitos para reconhecer e valorizar a diversidade favorecendo a todos envolvidos nesse processo.

O sistema educacional precisou se adequar para seguir o que a lei determina, modificando o atendimento nos estabelecimentos de ensino, capacitando os profissionais que receberão esses alunos. Assim, a escola deve estar apta a lidar com as diferenças e perceber que cada ser humano é um ser subjetivo, e por ser único, se torna especial.

² Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Informação extraída do site: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acessado em 15/05/2015.

Professor x Aluno

São os principais elementos de uma escola o professor e o aluno. Sem eles a escola não existe, não tem sentido. Portanto, um instrumento fundamental para a formação moral, ética e intelectual do aluno é o professor. Ele é o caminho, pelo qual, o ensino-aprendizagem chega até o aluno, seja ele surdo ou não. Nessa concepção, entra em vigência a lei nº 10.098³ de 19 de dezembro de 2000 que prevê a acessibilidade das pessoas com deficiência nos vários espaços, permitindo o acesso de todos na sociedade (FERREIRA 2008, p. 44).

Neste sentido, a educação inclusiva deve fazer parte do projeto político pedagógico das escolas públicas, a fim de incluir o aluno surdo no seu quadro de alunos regulares.

O Professor, por outro lado, deve atualizar-se sempre, e buscar novos conhecimentos para trabalhar melhor as diferenças em sala de aula. E isso só é possível com a capacitação e aperfeiçoamento por meio de cursos de Libras nos níveis básico e avançado, e especializações, pensando na comunicação com os alunos surdos dentro ou fora do espaço escolar (SILVA, 2008).

No Brasil, a política de integração deve ser observada desde as séries iniciais. Essas experiências, segundo Ferreira (2008), permitem visualizar os entraves com a língua portuguesa enfrentada pelos alunos surdos, e as barreiras comunicativas enfrentadas pelos professores de tais alunos.

De acordo com Silva (2008) a escola é para todos, e isso em termos gerais, exige da sociedade como um todo, atitudes menos discriminatórias e

³ Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acessado em 16/05/2015.

mecanismos de apoio à inclusão das pessoas com deficiência, pensando na profissionalização dessas pessoas e na inserção das mesmas ao mercado de trabalho.

Os alunos ouvintes devem ser instruídos no sentido de como lidar com seus colegas surdos. Se possível, devem ser incentivados também a aprenderem Libras, e respeitá-los em sua diferença. Por isso, Silva (2008), afirma que na educação inclusiva, o professor tem um papel muito importante e deve empenhar-se o máximo para minimizar o preconceito e preparar também os alunos ouvintes nesse sentido, pois um ensino de qualidade requer reforma, reestruturação e renovação dos saberes dentro e fora da escola.

Quando o educador passar a compreender a necessidade de uma capacitação adequada para a inclusão dos alunos com deficiência, eles devem buscá-la, e melhorar o seu plano de aula para atender essa realidade (SILVA, 2008).

Os gestores também devem contribuir por meio de suas experiências pessoais e profissionais, demonstrando interesse por aqueles a quem consideram “diferentes”. De forma que o ensino inclua alunos e professores, fazendo o possível para que o aluno surdo se sinta como parte integrante da sala de aula, e não apenas mero coadjuvante.

No entanto, ainda existem resistências de alguns educadores em relação às mudanças educativas necessárias ao contexto da inclusão. O caminho a percorrer deve ser o de acabar com as dificuldades em concretizar um novo modelo de educação que satisfaça a necessidade de todos (SILVA, 2008). Mas poucas escolas atentam para essa problemática, e têm permitido ou sugerido a introdução do intérprete de Libras em sala de aula, buscando uma possível solução para os problemas de falta de comunicação e desentendimento que enfrentam no cotidiano (FERREIRA 2008, p. 57).

A falta de profissionais capacitados para lidar com a pessoa com deficiência tem dificultado o processo de inclusão nas escolas. Neste contexto, não se pode deixar de responsabilizar em grande parte o Estado, uma vez que

há pouca oferta de cursos de Libras ou bolsas de estudo pagas pelo Estado. Uma simples visita a algumas escolas públicas mostraria, certamente, a ausência de professores com formação em Libras. Isso demonstra descaso e falta de preparo do Estado para resolver o problema.

Educação Física para Surdos

No passado, o trabalho do profissional de Educação Física na escola com os alunos surdos era marcado por falhas na comunicação, e os alunos surdos se limitavam a copiar o professor, e nem sempre compreendiam a finalidade de determinado exercício físico.

Mas essa realidade mudou desde que a Libras foi inserida como disciplina curricular obrigatória partir do decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, mencionado anteriormente conforme consta em seu artigo 3º:

[...] A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

A inserção da disciplina nos cursos de formação de professores contribuiu para minimizar a barreira na comunicação dos futuros profissionais, pois assim sendo, eles terão maior propriedade para lidar com a realidade em sala de aula

após a sua formação. Se o professor tiver um verdadeiro domínio da língua de sinais, isso facilita a interação e o ensino-aprendizagem com seus alunos surdos.

De acordo com Filha (2006), é comum a educação de surdos ser pautada de um ponto de vista clínico, mas a surdez afeta apenas o aparelho auditivo, não traz outros prejuízos. Sendo assim, o desenvolvimento motor da criança surda costuma permanecer normal, não há nenhuma limitação para praticar atividades físicas. Para escolher atividade física para pessoas surdas devem-se respeitar os mesmos critérios usados para seleção de atividades para qualquer outra pessoa, observando as condições de faixa etária, saúde, condicionamento físico e interesse.

Nesse sentido, atividade aeróbica é muito importante, pois crianças que não utilizam da fala oral, costumam ter uma respiração “curta” isto é, não enchem completamente os pulmões deixando, com isto de expandir a caixa torácica e de exercitar os músculos envolvidos na respiração. Além de todos os benefícios cardiovasculares já conhecidos, no caso dos surdos, as atividades aeróbicas também podem contribuir, indiretamente, para o aprendizado da oralidade (SANTOS FILHA, 2006).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi efetivada em uma Unidade Escolar (UE) de Araguaína, pertencente à Diretoria Regional de Ensino Estadual.

A escolha da referida (UE) não aconteceu de forma aleatória, antes se deu pelo histórico da instituição, que é referência na cidade em receber alunos com surdez tanto no ensino regular, como no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Buscou-se conhecer o histórico da Escola com antecedência, e apresentaremos aqui parte da sua história, por compreender que esse é um fator relevante dentro da pesquisa.

A UE tem um longo histórico no Atendimento Educacional Especializado às pessoas com algum grau de deficiência. Sendo pioneira em Araguaína no atendimento em educação especial. A referida UE é referência na comunidade local no atendimento às pessoas com algum grau de deficiência visual e/ou auditiva, sendo oferecido atendimento igualitário a todos os níveis e modalidades de ensino, abrangendo as esferas Municipal, Estadual, Federal e Particular.

A Unidade Escolar conta com uma professora que atua no atendimento educacional especializado para alunos com deficiência auditiva e surdez. Sua prática baseia-se no ensino da Libras e de língua portuguesa, no ensino da matemática, e no uso de recursos de tecnologia assistida que favorecem a aprendizagem dos alunos.

Tipo da pesquisa

A partir do que foi dito anteriormente no referencial teórico, foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, para avaliar a qualidade das aulas de Educação Física com alunos surdos e investigar o uso da Língua Brasileira de Sinais durante essas aulas.

Amostra e população pesquisada

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública estadual de Araguaína-To, tendo como alvo dois professores de Educação Física (ouvintes) do sexo masculino, e três alunos surdos, dois do sexo masculino e um do sexo feminino do ensino fundamental nível dois da rede regular de ensino.

Procedimento de coleta de dados

A pesquisa se deu por meio de entrevista semiestruturada com a utilização de questionários para os professores (nove questões) e para os alunos (cinco questões).

Cuidados Éticos

Para preservar e manter o anonimato dos participantes da pesquisa, adotamos o seguinte procedimento: aluno A, aluno B e aluno C, e professor A e professor B. E todos os participantes autorizaram a realização da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados gerados na pesquisa apontam para a problemática comunicativa na educação de surdos entre professores e alunos.

Os alunos entrevistados entendem que os professores precisam melhorar o conhecimento de Libras, e esse também foi o discurso dos professores, que alegaram a necessidade do auxílio do tradutor/ intérprete de libras durante as aulas.

(Sá 2006, p.292), em pesquisa realizada junto a professores que trabalham na educação de surdos, faz o seguinte questionamento: Se o professor não domina a língua de sinais, amor e dedicação bastariam para ele desenvolver um bom trabalho?

Nessa pesquisa, os alunos foram unânimes no discurso da barreira comunicativa com os demais professores, e amor e dedicação nesse sentido, bastariam se aliados ao conhecimento de libras.

Os professores precisam buscar esse conhecimento visando à comunicação com seus alunos surdos. Mas o decreto que regulamenta a

disciplina de libras nas licenciaturas entrou em vigor em 2005, e nem todos os professores que atuam hoje tiveram o privilégio de tê-la em sua graduação.

O **professor A** por ocasião de sua graduação antes da obrigatoriedade da disciplina, nunca teve contato com a Libras, e depende de um intérprete em suas aulas. E apesar de doze meses atuando com surdos, alega não ter se especializado nesse sentido por meio de cursos.

Já o **professor B**, teve contato com Libras na faculdade, mas apesar disso, também reconhece a necessidade do intérprete de Libras em suas aulas. Afirmou que trabalha há dois anos com alunos surdos e também não fez cursos para atuar com esse público.

Professores A e B relatam que não tiveram preparo específico durante a graduação para lidar com as diferentes deficiências, e que precisaram se adaptar a realidade já no contexto educacional.

O **professor A** alega que a experiência com alunos surdos em sala de aula o impulsionou a buscar mecanismos metodológicos favoráveis à sua educação na tentativa de minimizar a barreira, especialmente a linguística. E ressaltou que a escola vem melhorando sua estrutura física para melhor atender os alunos com surdez.

O **professor B** relatou que trabalhar com alunos surdos é uma experiência satisfatória na sua vida profissional. E também mencionou sobre as adequações pelas quais a escola vem passando, pensando nos alunos deficientes.

Os **professores A e B** mencionaram que utilizam a mesma forma de avaliação para alunos surdos e ouvintes, e que consideram participação, interesse e coletividade. E ambos reconhecem que os alunos surdos e ouvintes interagem bem durante as aulas de educação física.

Os **alunos A, B e C** em seus relatos disseram que compreendem as informações repassadas pelo professor de educação física tanto na sala como na quadra, onde há a presença do profissional tradutor/ intérprete de Libras, e que, portanto, não precisam repetir os movimentos dos alunos ouvintes.

Os **alunos A e B** fizeram críticas relacionadas à didática do professor de educação física. Já o **aluno C** respondeu que a didática utilizada pelo professor de educação física favorecia seu aprendizado.

Todos os **alunos A, B e C** quando questionados sobre a inclusão nas aulas de educação física, foram unânimes em responder afirmativamente. E ressaltaram o respeito por parte dos alunos ouvintes.

5. CONSIDERAÇÕES

Conforme já mencionado, a pesquisa mostrou a importância da comunicação na relação entre professor e alunos surdos. Daí a relevância da disciplina de Libras na universidade, e conhecimentos acerca da sobre educação de surdos.

Incluir alguém em um grupo é dar-lhe condições para que possa participar ativamente das suas ideias e atividades propostas. Mas a verdade é que as escolas regulares ainda apresentam certo despreparo em lidar com essas questões. É preciso que a comunidade escolar atente para a inclusão e busque a sua efetivação.

As aulas de educação física podem ser um espaço para iniciar mudanças de comportamento relacionadas à educação de surdos dentro da escola, e o professor tem um papel importante nesse processo, papel esse que deve ser assumido com responsabilidade.

Existem atualmente inúmeras fontes de informação disponíveis: instituições, internet e livros, que favorecem o aprendizado de determinada língua, como a Libras e, além desse conhecimento, é preciso priorizar do direito do aluno surdo de participar ativamente das aulas de educação física, bem como das demais atividades escolares.

Diante dos resultados da pesquisa, há de se destacar que apesar dos professores não possuírem uma boa fluência na primeira língua dos alunos surdos, essa pouca fluência é minimizada especialmente nas aulas de

educação física devido ao caráter “transparente” da língua. (NUNES & CARNEIRO 2013, p. 562-563).

E faz-se necessário que mais pesquisas sejam desenvolvidas nessa área de conhecimento em nível nacional e regional a fim de deixar um legado importante aos futuros profissionais da área, bem como aos alunos surdos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 22 de dez., 2005.
- BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 25 abr., 2002.
- BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de Língua de Sinais, Rio de Janeiro; tempo brasileiro; UFRJ, departamento de lingüística e filologia, 1995.
- BROTTO, Fábio Otuzzi. Jogos Cooperativos. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- COELHO, Cristina M. Madeira. Inclusão Escolar. In: KELMAN, Celeste Azulay [et al]. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010. P 55-72.
- FERREIRA, Rosângela da Silva. *O intérprete de libras e o processo interativo com o surdo*. Curso de especialização em Técnicas de Tradução e Interpretação da língua de sinais – Libras/Língua Portuguesa pela Faculdade Ipiranga. Belém, 2008.
- GOÉS, Maria Cecília R. de. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? In: LACERDA, Cristina B.F. de; GÓES, Maria Cecília R. de (orgs.) Surdez – processos educativos e subjetividade. São Paulo: Editora Lovise, 2000.
- LUNARDI, Márcia. Inclusão/ Exclusão: duas faces da mesma moeda. Revista Cadernos de Educação Especial. Santa Maria. n.18. p.27-35, 2001.
- NUNES, E. F. CARNEIRO, B. G.; Ampliação lexical em língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. In: IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Língua portuguesa: ultrapassando fronteiras., 2013, Goiânia. Caderno de resumos do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas., 2013. p. 562-563.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: Skliar, Carlos. (Org). Surdez: um olhar sobre diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005. P.52-72.

- QUADROS, Ronice Muller. Educação de surdos - a Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: Inclusão/Exclusão. Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, n. 05, 2003.
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B Língua de sinais brasileira. Estudos linguísticos. Porto Alegre; Artmed; 2004.
- SÁ, Nádia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SANTOS FILHA, D. A. Atividades Físicas para Surdos 2006 (Texto para curso de capacitação de docentes da Prefeitura de São Paulo).
- SILVA, Cláudia Lúcia Rocha. Libras: *A capacitação de docentes para a inclusão de alunos surdos*. Curso de especialização em Técnicas de tradução e interpretação da língua de sinais-Libras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Belém, 2008.
- SOLER, Reinaldo. Educação Física Inclusiva na Escola: em busca de escola plural 2º Ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.
- SKLIAR, Carlos. A SURDEZ, um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

IDENTIFICAÇÃO DOS AUTORES



LUIZ GUSTAVO SILVA DE ALMEIDA

Pós-Graduando em Libras, Graduado em Educação Física pelo Instituto Tocantinense Antônio Carlos (2015).

Email: l.gustavo-2010@hotmail.com



FERNANDO GOMES DE SOUZA

Graduado em Educação Física pelo Instituto Tocantinense Antônio Carlos (2015).

Email: fernandodegomesdesouza@gmail.com